



## “THE SHORTHILLS ADVENTURE”: Uma Leitura Ecocrítica

Ivana Alencar Peixoto Lanza da Franca<sup>1</sup>  
Robson Teles<sup>2</sup>

### Resumo:

A ecocrítica começa a ganhar projeção a partir do momento em que os críticos literários começam a observar e a registrar mudanças de atitude com o mundo natural, ou seja, mudanças na forma de se pensar sobre a relação da cultura, da sociedade com o mundo natural. Segundo Kate Rigby, na década de 1970 já havia alguns chamados para uma crítica ecologicamente orientada, mas o estudo de literatura e do meio ambiente só foi reconhecido como uma disciplina em ascensão no final do século XX. Neste trabalho pretendemos fazer uma leitura ecocrítica do terceiro capítulo da parte II do romance ‘A House for Mr Biswas’, de V. S. Naipaul, intitulado *The Shorthills Adventure*, tomando como base as observações de Lawrence Buell, acerca das características de um trabalho ambientalmente orientado, e tendo em mente a concepção de natureza apresentada por Svend Erik Larsen, de que a natureza não pode ser percebida como um todo indivisível, de que a natureza é composta de várias experiências contextualizadas e específicas e de que cada uma dessas experiências é chamada de marcadora de fronteira. Entre esses marcadores de fronteira estão, por exemplo, a selva, a sexualidade, os desastres naturais, os recursos naturais, o envelhecimento, o lixo indestrutível, a saúde pública, as paisagens culturais, os jardins e os parques. Observamos, portanto, a partir desta leitura do capítulo mencionado, que o meio ambiente não é visto como uma constante passiva, pelo contrário, é mostrado tal qual um processo que atua como um sujeito ativo e cuja presença está diretamente envolvida com a história humana e suas ações, podendo responder aos estímulos humanos das mais variadas formas, conforme o tipo de interferência e a responsabilidade humana com a natureza.

**Palavras-chave:** Ecocrítica. Meio ambiente. Shorthills.

### Abstract

Ecocriticism begins to gain prominence from the moment that literary critics begin to observe and record changes in attitude towards the natural world, that is, changes in the way of thinking about the relationship between culture, society and the natural world. According to

<sup>1</sup> Doutora em LETRAS, área de concentração: Literatura e Cultura; professora de Língua Inglesa do IFPB, Campus João Pessoa. [ivanaplf@uol.com.br](mailto:ivanaplf@uol.com.br).

<sup>2</sup> Doutor em LETRAS, área de concentração: Literatura e Cultura; professor da UNICAP; professor colaborador do PPGCL/UNICAP; dramaturgo; encenador. [prof.robsonteles@gmail.com](mailto:prof.robsonteles@gmail.com)

Kate Rigby, in the 1970s there were already some calls for an ecologically oriented critique, but the study of literature and the environment was only recognized as a discipline on the rise at the end of the 20th century. In this work we intend to make an ecocritical reading of the third chapter of part II of the novel 'A House for Mr Biswas', by V. S. Naipaul, entitled *The Shorthills Adventure*, based on Lawrence Buell's observations about the characteristics of an environmentally oriented work, and keeping in mind the conception of nature presented by Svend Erik Larsen, that nature cannot be perceived as an indivisible whole, that nature is composed of several contextualized and specific experiences and that each of these experiences is called a border marker. Among these boundary markers are, for example, the jungle, sexuality, natural disasters, natural resources, aging, indestructible waste, public health, cultural landscapes, gardens and parks. We observe, therefore, from this reading of the mentioned chapter, that the environment is not seen as a passive constant, on the contrary, it is shown as a process that acts as an active subject and whose presence is directly involved with human history and their actions, being able to respond to human stimuli in the most varied ways, according to the type of interference and human responsibility with nature.

**Keywords:** Ecocriticism. Environment. Shorthills.

A ecocrítica começa a ganhar projeção a partir do momento em que os críticos literários começam a observar e a registrar mudanças de atitude concernentes ao mundo natural, ou seja, mudanças na forma de se pensar sobre a relação da cultura e da sociedade com o mundo natural. Segundo Kate Rigby<sup>3</sup>, na década de 1970 já havia alguns chamados para uma crítica ecologicamente orientada, mas o estudo de literatura e do meio ambiente só foi reconhecido como uma disciplina em ascensão no final do século XX. Atualmente, a ecocrítica exige dos críticos uma mudança na forma de interpretação e de contextualização dos textos e que, para isso, é preciso recorrer a novas áreas do conhecimento. Além da história, da filosofia e das ciências sociais, os críticos literários precisam também da geografia, da ecologia e das ciências naturais para a leitura e a análise de determinados textos. Portanto, é preciso observar como as produções literárias estão condicionadas ao meio ambiente.

De acordo com Lawrence Buell (1995, p.7-8), entre os ingredientes que caracterizam um trabalho ambientalmente orientado, destacam-se os seguintes critérios:

---

<sup>3</sup> Chapter 7: "Ecocriticism" from Julian Wolfreys (ed.), *Literary and Cultural Criticism at the Twenty-First Century*.

1. The nonhuman environment is present not merely as a framing device but as a presence that begins to suggest that human history is implicated in natural history. [...]
2. The human interest is not understood to be the only legitimate interest. [...]
3. Human accountability to the environment is part of the text's ethical orientation. [...]
4. Some sense of the environment as a process rather than as a constant or a given is at least implicit in the text. [...]<sup>4</sup>

Para Svend Erik Larsen<sup>5</sup>, a natureza não pode ser percebida como um todo indivisível, pelo contrário, a natureza é composta de várias experiências contextualizadas e específicas, e cada uma dessas experiências é chamada de marcadora de fronteira. Entre esses marcadores de fronteira estão, por exemplo, a selva, a sexualidade, os desastres naturais, os recursos naturais, o envelhecimento, o lixo indestrutível, a saúde pública, as paisagens culturais, os jardins e os parques. No entanto, em quase todas as partes do mundo, adota-se uma prática utilitarista com a natureza, isto é, o homem é considerado o centro do universo, estando, portanto, acima da natureza, de onde se pode tirar tudo que considerar necessário para atender às necessidades dos seres humanos, sem considerar as consequências dessa prática.

Neste trabalho, pretendemos fazer uma leitura ecocritica do terceiro capítulo da parte II do romance ‘A House for Mr Biswas’, de V. S. Naipaul, doravante citado como AHMB, intitulado *The Shorthills Adventure*, tomando como base as observações acima pontuadas. Nesse capítulo, os Tulsis se mudam de Arwacas para uma nova propriedade rural, nas montanhas a nordeste de *Port of Spain*, na ilha de Trindade, no Caribe, atraídos pela glória, luxo e pela exuberância da nova propriedade, deixando para trás uma casa (Hanuman House), que é alugada, e uma propriedade bem estabelecida, que é arrendada, bem como o respeito de seus empregados, amigos e inquilinos, e o status de uma família tradicional de Hindus: “..., as had happened during their descent on the house in Port of Spain, they would be only exotic.” (AHMB, p. 390)<sup>6</sup>

---

<sup>4</sup> 1. O meio ambiente não humano está presente não apenas como uma simples moldura, mas como uma presença que começa a sugerir que a história humana está envolvida com a história natural. [...]  
 2. O interesse humano não é compreendido como sendo o único interesse legítimo. [...]  
 3. A responsabilidade humana com o meio ambiente é parte da orientação ética do texto. [...]  
 4. Alguma compreensão do meio ambiente como um processo ao invés de como uma constante ou um dado está ao menos implícito no texto. [...] [tradução nossa]

<sup>5</sup> Svend Erik Larsen. “To see things for the first time” Before and after ecocriticism.

<sup>6</sup> ..., da mesma forma como tinha acontecido durante a estada da família Tulsi na casa em *Port of Spain*, eles seriam considerados apenas exóticos. [tradução nossa]

É nesse clima de empolgação com os preparativos da mudança para *Shorthills* que nos é apresentada uma cena que mostra a relação dos Tulsis com a terra:

“The crop season was at hand and the sugarcane fields, managerless, were open to the malice of those who bore the Tulsis grudges. Two fires had already been started and there were rumous that Seth was stirring up fresh trouble, claiming Tulsi property as his own.” (AHMB, p. 391)<sup>7</sup>

Essa cena reproduz uma relação de exploração da terra com fins econômicos, ou seja, a terra é vista como um simples objeto de exploração, derivada de uma concepção antropocêntrica, sem nenhuma preocupação com as consequências de tal prática para o meio ambiente. O cultivo da cana-de-açúcar se tornou uma prática muito comum na cultura ocidental desde o início da colonização das Américas, quando o trabalho de escravizados vindos da África era a grande força de trabalho e a cana-de-açúcar era considerada uma das maiores fontes de riqueza na época. Com a abolição da escravatura nas ilhas do Caribe em 1838, as colônias britânicas no Caribe, para suprir a demanda de trabalho nas plantações de cana de açúcar, pois os antigos escravizados não aceitavam as condições de trabalhos oferecidas pelos plantadores, promoveram a imigração de indianos para o trabalho sob contrato e, dessa forma, evitaram o colapso da indústria do açúcar. Sobrepuja-se aqui a exploração da terra e a exploração humana do trabalho, quase escravo. Nesse contrato de trabalho firmado com os imigrantes indianos, eles tinham que trabalhar com o empregador (dono das terras) por 5 anos, em troca de salário fixo, moradia grátis, serviços médicos e outras amenidades. Ao final do contrato, o empregado contratado tinha três opções: renovar o contrato por mais 5 anos, o que lhes garantia uma passagem gratuita de retorno à Índia, retornar para a Índia com recursos próprios ou se tornar um agricultor independente (ROOPNARINE, 2016). No entanto, esses benefícios nunca eram garantidos. Apesar do acordo contratual, o sistema sofreu abusos e manipulação a favor do governo colonial e dos plantadores (empregadores), cujos interesses estavam centrados na produção e no lucro, e não no bem-estar dos imigrantes (RAMSAWAK, 2020). O sistema de trabalho contratual iludiu muitos indianos que enfrentavam na Índia condições difíceis, degradantes e desiguais, e

---

<sup>7</sup> A estação da colheita estava próxima e as plantações de cana-de-açúcar, sem gerenciamento, estavam expostas à malícia daqueles que tinham rancor contra os Tulsis. Duas queimadas já tinham sido iniciadas e havia rumores de que Seth estava causando problemas, ao reivindicar para si a posse da propriedade dos Tulsis. [tradução nossa]

buscavam melhores condições de vida: “by the time the laborers realized that they had exchanged one form of poverty and servitude for another, they were already in bonded in servitude” (PERSAD, 2008, p.3) “No momento em que os trabalhadores contratados perceberam que eles haviam trocado uma forma de pobreza e de servidão por outra, eles já estavam em regime de servidão” [Tradução nossa]. Ainda no fragmento anterior, nos deparamos com uma prática que continua a ser usada em várias plantações de cana-de-açúcar nos dias atuais: a queimada da plantação para facilitar a colheita da cana, o que promove o empobrecimento do solo e a poluição do ar. Aqui também se observa a existência de rivalidades entre os descendentes dos imigrantes indianos que não conseguiram prosperar e aqueles que tinham prosperado economicamente e adquirido propriedades. A narrativa se passa em Trindade, no período de aproximadamente 46 anos, que corresponde ao período de vida do protagonista Mr. Biswas, de 1905 a 1951; nesse tempo da narrativa, é observado um progressivo declínio dos valores tradicionais em família, cuja transformação sofrida pelas famílias Biswas e Tulsis – ambas de descendência india – é decorrente do processo de “crioulização” que acarreta mudanças de atitude. Esse termo “crioulização” foi criado em 1974 por um escritor de Barbados, Edward Kanau Brath Waite, e pode ser definido, em linhas gerais, como uma forma de hibridização cultural que visa unir povos de diversas etnias (MARTINEAU, 2022). Nesse sentido, os imigrantes indianos no Caribe, que vieram trabalhar sob contrato nas plantações de cana-de-açúcar, se por um lado mantiveram uma parte significativa de sua cultura e tradições, que acabou formando o núcleo de sua identidade coletiva, por outro, perderam vários aspectos/traços de suas tradições culturais e modificaram vários outros para se adaptar à sociedade multicultural das Índias Ocidentais (PERSAD, 2008). Entre essas mudanças, podemos observar, ainda nesse trecho, que a ambição e o interesse pela posse da terra, que está representada por Seth, cunhado de Mrs Tulsi, e que culmina em briga familiar, foram adquiridos pelos descendentes desses imigrantes de cultura Hindu nesse novo contexto sócio-histórico-cultural, ou seja, a preocupação com o destino e com a espiritualidade, atitudes cultivadas na cultura Hindu, cede lugar para a preocupação com o lucro, a ambição e com o consequente interesse na aquisição de bens materiais. No ensaio de Naipaul sobre Trindade, intitulado *The Middle Passage*, ele descreve Trindade como “uma sociedade materialista de imigrantes, destituída de cultura e história próprias e que enfatiza a modernidade a todo custo, ...” (apud Rosemary Pitt, p.8).

A exuberância, o luxo e o conforto da nova propriedade são motivos de grande entusiasmo pelos membros da família Tulsi:

“Shama heard its glories listed again and again. In the grounds of the state house there was a cricket field and a swimming pool; the drive was lined with orange trees [...] The land itself was a wonder. [...] Cocoa trees grew in the shade of the immortelles, coffee in the shade of the cocoa, and the hills were covered with tonka bean. [...] And there were nutmeg trees, as well as cedar, poui, and the bois-canot which was light yet so springy and strong it made you a better cricket bat than the willow. The sisters spoke of the hills, the sweet springs and hidden waterfalls with all the excitement of people who had known only the hot, open plain, the flat acres of sugarcane and the muddy ricelands. [...] There was talk of dairy farming; there was talk of growing grapefruit. More particularly, there was talk of rearing sheep, and of an idyllic project of giving one sheep to every child as his very own ...”  
(AHMB, p. 391-392)<sup>8</sup>

Valores da cultura ocidental são assimilados por essa comunidade de descendentes de imigrantes de origem india, que ascenderam economicamente no novo território. Esporte e lazer da cultura ocidental, como o *cricket* e a piscina, passam a fazer parte da lista de itens de interesse dessa nova comunidade híbrida. A natureza se apresenta como objeto de fascínio, interesse e conforto, não importando se essa natureza é manipulada pelo homem ou intocada. A criação de animais bem como o seu trato com os animais também sofrem influência da cultura ocidental: “What are we going to do with four sheep. Breed more? To sell and kill? Hindus, eh? Feeding and fattening just in order to kill. Or you see the six of us sitting down and making wool from four sheep? You know how to make wool?” (AHMB, p. 392).<sup>9</sup> Nessas palavras proferidas por Mr. Biswas, percebemos a crítica ao abandono das práticas religiosas

---

<sup>8</sup> Shama ouviu comentários sobre a beleza e o esplendor da nova propriedade repetidas vezes. Nas áreas ao redor da casa da propriedade havia um campo de *cricket* e uma piscina; a estrada para carros era contornada por laranjeiras [...] A terra em si era uma maravilha. [...] Pés de cacau cresciam nas sombras das perpétuas, pé de café na sombra do pé de cacau, e as colinas eram cobertas por fava-de-cheiro. [...] E havia pés de noz-moscada, assim como cedro, *poui*, e *bois-canot* que era leve e ao mesmo tempo elástico e forte que dava para fazer um bastão de *cricket* melhor que da madeira do salgueiro. As irmãs falavam das colinas, das fontes doces e das cachoeiras escondidas, com todo o excitamento das pessoas que só conheciam a planície quente e úmida, as terras planas de plantação de cana-de-açúcar e as terras enlameadas de cultivo de arroz. [...] Se falava na produção de laticínios; se falava em cultivar toronja. Em especial, se falava na criação de ovelhas, e de um projeto idílico de doar uma ovelha para cada criança, ... [tradução nossa]

<sup>9</sup> o que nós vamos fazer com quatro ovelhas. Criar mais? Para vender e matar? Hindus, ein? Alimentar e engordar apenas para matar. Ou você nos vê, os seis membros da família, sentados fazendo lá das quatro ovelhas? Você sabe como se faz lá? [tradução nossa]

do Hinduísmo, especialmente a matança de animais e a violação do preceito de Ahimsa, enfatizado por Mahatma Gandhi, através de sua ironia ao citar a maneira como o animal é tratado pelos Tulsis: para fins de lucro ou de consumo, prática incompatível com a cultura e a religião hinduista. Ahimsa é um princípio ético-religioso presente no hinduísmo, que consiste em não cometer violência contra outros seres. Esse princípio se inspira na premissa de que todos os seres vivos têm uma centelha de energia espiritual divina e que, portanto, ferir outros seres vivos é ferir a si próprio ([www.britannica.com](http://www.britannica.com)).

*Shorthills* representa campo e montanhas, e como tal, acha-se situada a certa distância da cidade.

“After many curves and climbs the road straightened out and ran steadily down into a widening valley. The hills looked wild, the tops of trees rising one behind the other: a coagulation of greenery. But here and there the faded thatch of a lean-to, warm against the still, dark green, showed that the wilderness had been charted.” (AHMB, p. 395)<sup>10</sup>

Apesar de estar afastada do centro urbano e de estar situada nas montanhas, *Shorthills* não é caracterizada como região inculta e desabitada, pois já sofrera a interferência humana, e como tal, não está livre da exploração dos habitantes locais: “A lot of bamboo”, he said. ‘You could start a paper factory.’” (AHMB, p. 396).<sup>11</sup> Ao se deparar com trechos de natureza intocada pelo homem, Mrs Biswas não se contém ao fazer tal comentário, que é recebido pelo leitor como uma ironia, e vislumbrar o lucro que a abundância de determinada planta poderia proporcionar, caso fosse devidamente explorada. O que no campo é encontrado em abundância e sem nenhum custo, nas cidades e áreas circunvizinhas, se torna escasso e caro: “Mrs Tulsi bent down and tore up a plant from the verge. ‘Rabbit meat’, she said. ‘Best food for rabbits. In Arwacas you have to buy it.’” (AHMB, p. 396)<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Depois de muitas curvas e subidas, a estrada se tornou reta e seguiu em direção a um vale que se ampliava. As colinas pareciam que não haviam sido cultivadas, as copas das árvores se elevando uma atrás da outra: um espessamento de verde. Mas aqui e ali, o telhado de palha desbotado de uma casinha confortável, junto ao verde escuro quieto, mostrava que a selva tinha sido mapeada. [tradução nossa]

<sup>11</sup> Muito bambu, disse ele. Daria para iniciar uma fábrica de papel. [tradução nossa]

<sup>12</sup> A senhora Tulsi inclinou-se e arrancou uma planta à margem da estrada. Carne de coelho, disse ela. O melhor alimento para coelhos. Em Arwacas você tem que comprá-la. [tradução nossa]

Assim os Tulsis partem de Arwacas, após alugarem suas terras e a loja da família, deixando para os inquilinos o aborrecimento de enfrentar as reivindicações de Seth. Ao chegarem à nova propriedade, ao mesmo tempo em que admiram a exuberância do local, já vislumbram a possibilidade de exploração de cada recanto: “While he felt it, she held a thinner liana and pulled it down. ‘As strong as rope’, she said. ‘The children could skip with this.’” (AHMB, p. 398)<sup>13</sup> E a pilhagem dos vários recursos naturais da propriedade é praticada sem nenhum critério por seus novos habitantes, ao mesmo tempo em que a manutenção da casa e os reparos da piscina e jardins, que foram danificados com os festeiros dos casamentos das netas de Mrs Tulsi, são negligenciados:

“Much bamboo was used in the decorations. [...], and in the wedding-tent, built over one of the gardens flattened for the purpose, the seven wedding ceremonies went on all night, [...]” (AHMB, p. 403)

“When the weddings were over, [...], everyone began waiting again, for the small cricket pavilion to be restored, the drive cleaned, its culverts mended, the canal cleared of silt, for the evergreen hedges at the bottom of the hill to be trimmed, for the unruined garden to be replanted.” (AHMB, p. 403)

“Nothing was done to the cocoa trees or the Orange trees. Week by week the bush advanced and the state, from looking neglected, began to look abandoned. There was still no one to plan or direct.” (AHMB, p. 404)

“The trees were chopped into logs and burned in the kitchen, the moss-covered barks making excellent kindling” (AHMB, p. 405)<sup>14</sup>

As referidas práticas eram tão frequentes que até as crianças as adotaram em suas brincadeiras sem nenhuma repressão por parte dos adultos, que inclusive as incentivavam:

---

<sup>13</sup> Enquanto ele segurava o cipó, ela pegou um cipó mais fino e o arrancou. Tão forte quanto uma corda, disse ela. Dá para as crianças pular com isso. [tradução nossa]

<sup>14</sup> Muito bambu foi usado na decoração. [...], e na tenda onde ocorreu a celebração do casamento, construída sobre um dos jardins que fora nivelado para a ocasião, as sete cerimônias de casamento aconteceram durante toda a noite, [...]

Quando os casamentos terminaram, [...], todos tornaram a esperar pela restauração do pequeno pavilhão de *cricket*, pela limpeza da estrada para carros, pelo conserto de suas galerias de escoamento, pela retirada de sedimentos do canal, pela poda das cercas vivas sempre verdes situadas na base da colina, pela restauração do jardim destruído. [...]

Nenhum trato foi dado aos pés de cacau ou às laranjeiras. A cada semana, os arbustos cresciam e a aparência da propriedade passou de negligenciada para abandonada. Até aquela data, não havia ninguém para planejar ou dirigir a propriedade. [...]

As árvores eram cortadas em toras e queimadas na cozinha, das cascas das árvores cobertas de limo se faziam excelentes gravetos que serviam para acender o fogo. [tradução nossa]

“Unasked, the children did what they could, [...] They collected tonka beans from the hillside and, not knowing what to do with them, left them in the garage, where they presently rotted and smelled. (AHMB, p. 404)<sup>15</sup>

Essa atitude das crianças em relação ao trato da natureza antecipa a crítica ambiental por parte do narrador, ao sugerir que tanto a família como também a escola estão sendo omissas ao não adotarem práticas de educação ambiental, visando a conscientização dos filhos e alunos sobre importância do meio ambiente na qualidade de vida dos seres humanos e animais; através da educação ambiental, os alunos seriam motivados a contribuírem com a defesa do meio ambiente e a adotarem práticas sustentáveis. Afinal, a preservação do meio ambiente depende da consciência ecológica e a formação da consciência depende da educação. Importante lembrar que o termo “educação ambiental” foi usado pela primeira vez em 1965, durante a Conferência de Educação da Universidade de Keele, na Grã-Bretanha, visando sensibilizar e conscientizar o ser humano sobre o seu dever na conservação e preservação dos recursos naturais do planeta. O primeiro evento mundial que abordou os temas meio ambiente e gerenciamento ambiental foi a Conferência de Estocolmo, realizada na capital da Suécia em 1972. E só em 1977, na Conferência Internacional sobre Educação Ambiental em Tbilísi, Georgia (ex União Soviética), a Educação Ambiental teve seus princípios estabelecidos e foi caracterizada como interdisciplinar, transformadora ética e crítica (OLIVEIRA e AZZARI, 2022; SENA, 2020; SILVA, 2014).

A falta de sensibilidade, o descaso e o desrespeito com a natureza, abrangendo as plantas e os animais, se tornaram generalizados. Tais práticas predatórias são evidenciadas em todo o capítulo, o que torna evidente o fato de que essas atitudes refletem o perfil de uma sociedade materialista, que coloca seus próprios interesses acima de qualquer causa mais nobre, a ponto de esquecer as consequências dessas práticas para a qualidade de suas próprias vidas:

“Scores of cedar trees were cut down, sawed and stacked in the garage, [...] Théophile was dismissed to his village, and there was no further talk about the furniture factory. [...] W. C. Tuttle, acting as Mrs Tulsi’s agent, sold the

---

<sup>15</sup> Por iniciativa própria, as crianças faziam o que queriam, [...] Elas colhiam favas-de-cheiro da colina, e, sem saber o que fazer com elas, deixavam-nas na garagem, onde elas em breve apodreciam e fediam. [tradução nossa]

cedar planks in the garage. Shortly afterwards he bought a lorry, and hired it out to the Americans" (AHMB, p. 406-407)<sup>16</sup>

As consequências da exploração predatória dos recursos naturais da propriedade não tardam a aparecer: erosão do solo e das encostas desmatadas, assoreamento do canal e alagamento das áreas baixas após qualquer pequena chuva. Nesse caso, o romance encena aspectos proféticos sobre a degradação em grande escala da natureza no século XX:

"The canal at the side of the drive was at last completely silted over and the rain, which ran down the hillside in torrents after the briefest shower, flooded the flat land. The gully, no longer supported by the roots, began to be eaten away. [...]

W. C. Tuttle opened a quarry on the state. His enterprise aroused envy. He had been the first to sell state trees; now that there were few trees to sell he was selling the very earth." (AHMB, p. 418)<sup>17</sup>

São evidenciados o egoísmo, a ambição, a ignorância, o amadorismo e o despreparo no trato com natureza, que é vista como mero objeto de exploração. À medida que os recursos naturais vão se tornando escassos, os recursos financeiros da família também começam a se esgotar. Só então é que, movidos por necessidade financeira e não por conscientização ecológica, são adotadas algumas práticas sustentáveis como forma de equilibrar as finanças, o que se configura como uma grande ironia:

"Economy went further. Directing that no tins were to be thrown away, Mrs. Tulsi summoned a tinker from Arwacas. [...] Ink was no longer bought; a violet liquid, faint but unwashable, was extracted from the small berries of the black sage. Mrs. Tulsi, hearing that coconut husks were thrown away, decided that mattresses and cushions were to be made, and possibly sold." (AHMB, p. 420)<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Uma grande quantidade de cedro foi cortada, cerrada e empilhada na garagem, [...] Teophile foi demitido e retornou para sua cidadezinha, e desde então, não se falou mais na fábrica de móveis. [...] W.C.Tuttle, desempenhando o papel de agente da senhora Tulsi, vendeu as tábuas de cedro que ficaram na garagem. Logo depois, ele comprou um caminhão e o alugou para os americanos. [tradução nossa]

<sup>17</sup> O canal ao lado da estrada para carros ficou completamente assoreado e a chuva, que descia colina abaixo após um curto período de chuva leve, inundava as áreas planas. O rego que já não era sustentado pelas raízes, começou a ser destruído. [...] W. C. Tuttle abriu uma pedreira na propriedade. Sua iniciativa despertou inveja. Ele tinha sido o primeiro a vender as árvores da propriedade; agora que havia poucas árvores para vender, ele começou a vender a própria terra. [tradução nossa]

<sup>18</sup> A economia foi mais longe. Ordenando que nenhuma lata fosse jogada fora, a senhora Tulsi chamou um latoeiro de Arwacas. [...] Já não se comprava tinta; um líquido roxo, desbotado, mas não lavável, era extraído de

E a “aventura em *Shorthills*” termina com o incêndio da casa de Mr. Biswas, que fora recentemente construída com madeira local; incêndio este provocado por práticas indevidas de limpeza e queima da vegetação da área ao redor da casa. O uso da ironia é uma constante no capítulo.

“Mr. Biswas, displaying manual skills which his children secretly distrusted, dug trenches and prepared little nests of twigs and leaves at what he called strategic points. On Saturday afternoon he summoned the children, soaked a brand in pitch-oil, set it alight, and ran from nest to nest, poking the brand in and jumping back, as though he had touched off an explosion. A leaf caught here and a twig there, blazed, shrank, smouldered, died. Mr. Biswas didn’t wait to see. Ignoring the cries of the children, he ran on, leaving a trail of subsiding wisps of dark smoke.” (AHMB, p.427)<sup>19</sup>

Tal capítulo se configura, portanto, como uma grande metáfora da relação predatória da sociedade de Trindade com o meio ambiente, que culmina com a destruição de seu habitat. O meio ambiente não é visto como uma constante passiva, pelo contrário, é mostrado como um processo que atua como um sujeito ativo e cuja presença está diretamente envolvida com a história humana e suas ações, podendo responder aos estímulos humanos das mais variadas formas, conforme o tipo de interferência e a responsabilidade humana com a natureza.

Podemos concluir que os imigrantes indianos no Caribe e seus descendentes (indo-caribenhos), apesar de apresentarem resistência, das condições locais que dificultavam sua integração às sociedades multiculturais do Caribe, e da tentativa de preservação de sua cultura, ou seja, de sua religião, costumes, crenças e língua, sofreram o processo de aculturação, o que contribuiu para que o sistema de castas erodisse e consequentemente impactasse suas práticas culturais indianas:

---

pequenas bagas da salva preta. A senhora Tulsi, ao ouvir que as cascas de coco eram jogadas fora, decidiu que colchões e travesseiros fossem fabricados e possivelmente vendidos. [tradução nossa]

<sup>19</sup> O senhor Biswas, mostrando habilidades manuais, que as crianças secretamente desconfiavam, abriu valetas e preparou pequenos ninhos de galhos e folhas em pontos que ele considerava estratégicos. No sábado à tarde, ele chamou as crianças, encharcou um tição em querosene, tocou fogo e saiu tocando fogo em cada ninho. Uma folha pegava fogo aqui e um galho pegava fogo ali, queimava, diminuía as chamas, queimava sem chama, apagava. O senhor Biswas não esperou para ver. Ignorando os gritos dos filhos, ele prosseguiu, deixando um rastro de pequena nuvem de fumaça escura que diminuía.

Em um sistema social no qual o prestígio progressivamente se definiu em vista do nível de conformidade às normas e aos valores ingleses, os indianos ocuparam um lugar marginal, inclusive na hierarquia de cor. Ademais, as condições do indentured e a vida nas plantações os isolaram do restante da sociedade. (JAYAWARDENA, 1966, p.223 apud MELLO, 2018)

Como mostrado acima, a sociedade trinidadiana não facilitou a integração dos imigrantes indianos. Apesar disso, essas condições e barreiras por eles encontradas, entre as quais as influências das *plantations*, as condições de vida nesse trabalho e as relações interétnicas, concorreram para que suas formas e práticas religiosas sofressem modificações. Assim, a aculturação dos imigrantes indianos, apesar de não ter sido estimulada por nenhum organismo oficial, ganhou espaço à medida que começaram a surgir oportunidades de mobilidade social, vantagens essas conquistadas pelos indianos ao aderirem à cultura inglesa.

Nessa família indo-trinidadiana do romance, que vivenciou a expansão urbana e a mobilização social, mudanças que intensificaram a hibridização cultural, e consequentemente a perda de vários valores e práticas de sua religião – Hinduísmo – entre os quais a percepção do Divino na natureza, objeto real de adoração dos Hindus, observamos uma forma de hinduísmo bastante desgastada/erodida e influenciada pelos valores ocidentais e capitalistas, quais sejam: obtenção de lucro e acumulação de riqueza, individualismo, materialismo, ambição, egoísmo e desrespeito à natureza, onde estão incluídos os animais humanos e não humanos, as plantas e os ecossistemas. No pensamento hindu, os lugares sagrados são a natureza, portanto, para os hindus, o divino são os familiares, os rios, os animais, as plantas, as rochas, os planetas e as estrelas. Para o hindu, honrar a natureza é honrar a si próprio, e para honrar a si mesmo, deve-se honrar a natureza.<sup>20</sup>

## Referências bibliográficas

AHIMSA. In: **Encyclopaedia Britannica**. 2023. Disponível em:  
<https://www.britannica.com/search?query=ahimsa>. Acesso em: 15 de maio 2023.

BUELL, Lawrence. **The environmental imagination:** Thoreau, Nature Writing, and the Formation of American Culture. England: Harvard University Press, 1995. (Introduction – pp.1-27)

---

<sup>20</sup> Hindu view of nature (June 13th, 2012), disponível em: <http://www.vedanet.com/2012/06/>, acesso em: 01.05.23

HUGGAN, Graham and TIFFIN, Helen. **Postcolonial Ecocriticism**: Literature, Animals, Environment. USA: Routledge, 2010. (Introdução – pp.1-24)

LARSEN, Svend Erik. “**To see things for the first time**” Before and after ecocriticism. Disponível em <http://arts.monash.edu.au>. Acesso em: 20 de mar. 2023.

MARTINEAU, M. E. Jeanne. **Creolization**: Beyond a concept, a perpetual construction of identity. Concepts and Knowledge, 2022. Disponível em: <https://apropos.erudit.org/concepts-creolization>. Acesso em: 27 de abr. 2023.

MELLO, M. Moura. **Leituras sobre o hinduísmo caribenho**: etnografia e história. Cultures-Kairós: Janvier 2018. Disponível em:  
<https://revues.mshparisnord.fr/cultureskairos/index.php?1607>. Acesso em: 17 de abr. 2023.

NAIPAUL, V. S. **A house for Mr. Biswas**. Great Britain: Penguin Books, 1983.

NEVES, J. Gomes. **A educação ambiental e a questão conceitual**. Disponível em:  
<http://www.revistaea.org/artigo>. Acesso em: 10 de maio 2023.

OLIVEIRA, Sandra A; AZZARI, Rachel. **Portal de Educação Ambiental**. Gov. do Estado de SP. 21.02.2022. Disponível em:  
<https://www.infraestruturaeambiente.sp.gov.br/educacaoambiental/2022/02/educacao-ambiental-de-onde-veio-e-para-onde-vamos/>. Acesso em: 03 de maio 2023.

PERRY, John Allen. **A history of the east Indian indentured plantation worker in Trinidad, 1845-1917**. LSU: Historical dissertations and theses. PhD., 1969.

PERSAD, Rajesh Surendra. **A passage from India**: the east Indian indenture experience in Trinidad 1845-1885. Thesis, History, Raleigh, NC, 2008 (Under the direction of David Gilmartin)

PITT, Rosemary. V. S. Naipaul **A house for Mr. Biswas** – Notes by Rosemary Pitt. United Kingdom: York Press, 2001.

RAMSAWAK, Jessica. **Twice migration and Indo-Caribbean American identity**. Univ. of Albany: State University of N.York, 2020.

Creole on the Trinidadian ground: Revisiting the concept. **Revista del Cesla**, Nº 17, 2014, pp.201-2014. Disponível em:  
[<https://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/49/47>](https://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/49/47) Acesso em: 27 de abr. 2023.

RIGBY, Kate. Chapter 7: “**Ecocriticism**” from Julian Wolfeys (ed.), Literary and Cultural Criticism at the Twenty-First Century. Edinburgh: Edinburgh UP, 151-78. (Digitised for ASLE with kind permission of the publishers)

ROOPNARINE, Lomarsh. **Indo-Caribbean migration:** From periphery to core. Caribbean Quarterly, 49:3, pp.30-60, Published online: 03 Feb.2016.

SENA, Ailton. Conferência de Estocolmo. In: **Educa + Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/biologia/conferencia-de-estocolmo>. Acesso em: 20 de maio 2023.

SILVA, Deinne A. O desenvolvimento mundial da ideia de educação Ambiental. 2014. In: **Revista Educação Pública**. ISSN: 1984-6290. Qualis B1 (CAPES 2020-2024). DOI: 10.18264/REP. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/14/39/o-desenvolvimento-mundial-da-ideia-de-educao-ambiental>. Acesso em: 18 de abr. 2023.